

# Contribuição do infográfico jornalístico para a comunicação em saúde

Ana Paula Machado Velho, UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Brasil  
Sônia Cristina Soares Dias Vermelho, UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Brasil  
Vinícius Durval Dorne, UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apontar de que forma a infografia pode contribuir para a organização de reportagens sobre saúde e para as possibilidades de apreensão da informação pelo leitor de um veículo impresso, contribuindo, desta forma, para o fortalecimento da área da comunicação em saúde. Para dar conta deste objetivo, os alunos do segundo ano de Jornalismo de uma instituição de ensino de Maringá, que cursavam a disciplina de Planejamento Gráfico, foram solicitados a analisar o design de uma página da Folha de S. Paulo, onde estava incluída uma infografia sobre o Mal Vaca Louca. Viu-se que os quadros aproximam a linguagem jornalística da prática da Comunicação e Promoção da Saúde, visto que oferecem várias possibilidades, verbais e imagéticas para apreensão do conteúdo, podendo mudar hábitos a partir do momento que estão cada vez mais presentes nos veículos de comunicação de massa.

**Palavras-chaves:** infografia, promoção da saúde, educação em saúde, jornalismo, comunicação em saúde

**Abstract:** The purpose of this article is to point out how the computer graphics can contribute to the organization of reports on health in printed vehicles, contributing to the strengthening area of health communication. To show it, the second year students of Journalism an educational institution of Maringá-Paraná-Brazil, who attended the course Graph Planning, were asked to analyze the design of a page of a brazilian newspaper Folha de S. Paulo, which was included a computer graphics. We have seen that this journalistic language offers several possibilities to Communication and Health Promotion, because joins verbal and imagery to arrest the content, helping change people habits from the moment that are increasingly present in the mass communication vehicles.

**Keywords:** Infographics, Health Promotion, Health Education, Journalism, Health Communication

## Introdução

A expansão das tecnologias tem atingido proporções gigantescas na cultura contemporânea. Vivemos imersos num ambiente que vem sendo chamado de tecnocultura. Nele, surgem, como foi visto, signos cada vez mais complexos, que misturam diferentes códigos, infossignos ou signos híbridos, “saídos” das telas das tevês, dos computadores e outros suportes. E esses signos estão, aos poucos, ganhando as mensagens jornalísticas. Um deles é a infografia. Neste artigo, ela é apontada como uma expressão do tratamento por computador da mensagem jornalística e ferramenta para fortalecer o processo de promoção da saúde por meio da prática da comunicação da saúde.

Gianfranco Bettetini diz que infografia é o mesmo que computação gráfica e que estes termos “referem-se à produção, por meio do computador, de imagens sintéticas, que aliás, são fruto de elaborações digitais regidas por procedimentos lógico-matemáticos”. Plaza opta por dizer que “a criação de imagens com a colaboração da informática se chama infografia ou *computer graphics*”. Autores reunidos no livro *La Infografia*, organizado por Aguilera e Vivar, seguem este pensamento apresentando-a como uma tecnolinguagem, resultado da manipulação de imagens por computador e que é utilizada para os mais diversos fins, simulações, jogos, indústria, ciência e até na arte. “São efeitos visuais tecnicamente espetaculares”, que têm origem no desenvolvimento de linguagens como o grafismo, o cinema de animação, e, hoje, estão na televisão, nos mais diferentes produtos do cinema, nas telas dos computadores e em impressos publicitários e jornalísticos. Aguado e Vizuet



se apropriam da definição de infografia feita por François Holtz-Boneau, dizendo que é a aplicação da informática na representação gráfica do tratamento da imagem.

Neste trabalho quer-se, porém, deixar de lado o aspecto geral da definição de infografia e trazer para discussão aquela empregada para conceituar este texto na atividade jornalística, que dá suporte a processos de comunicação da saúde, que estrutura ações de educação e comunicação em saúde, com vistas à responsabilização do sujeito pela melhoria da sua qualidade de vida.

Beatriz Ribas lembra que muitos autores definem a infografia como “uma técnica, uma disciplina, um recurso, uma ferramenta informativa, uma ilustração”. Para Valero Sanches, a infografia é, sem discussão, um elemento do jornalismo. Ele diz que *info* não vem de informática, nem *grafia* vem do conceito de ilustração. E que infografia não é o mesmo que informação gráfica, pois existem muitas outras formas no jornalismo que também o são. No livro *Jornalismo de revista*, Marília Scalzo diz que o recurso “é uma maneira de oferecer informação ao leitor, utilizando um conjunto de gráficos, tabelas, desenhos, legendas, ilustrações, mapas, maquetes [...] é, acima de tudo, informação visual”. Para Jordi Clapers, o infográfico é “uma representação visual e seqüencial da notícia, informação, fato, acontecimento ou tema jornalístico” e, para Stark, “uma combinação de palavras e elementos visuais que explicam os acontecimentos descritos em uma matéria ou reportagem”. Caixeta acrescenta que o termo infográfico vem do inglês *informational graphics* e o seu uso revolucionou o *layout* das páginas de jornais, revistas e sites. É uma forma de representar informações técnicas com números, mecanismos e/ou estatísticas, que devem ser sobretudo atrativos e transmitidos ao leitor em pouco tempo e espaço [...] O infográfico vem atender a uma nova geração de leitores, que é predominantemente visual quer entender tudo de forma prática e rápida.

José Manuel de Pablos admite que o termo infografia se configura como um “neologismo sensato”, quando se pensa em *info* vindo de informação escrita, informação a ser editada jornalisticamente, e *grafia*, de gráfica. “É a representação do binômio imagem+texto”; “uma peça informativa, realizada com elementos icônicos e tipográficos, que permite ou facilita a compreensão dos acontecimentos ações ou coisas [...] e acompanha ou substitui o texto informativo”.

Neste trabalho, entende-se a infografia como um sistema, que utiliza diferentes códigos para compor um “quadro informacional”. Este quadro condensa informações selecionadas de maneira rigorosamente organizada, que são transmitidas pela conjugação de signos verbais e imagéticos (simbólicos, icônicos e indiciários), com o objetivo de ampliar a qualidade informacional de matérias jornalísticas ou esquematizar fatos ou processos, permitindo o acesso à informação por várias vias de linguagens construídas por códigos culturais, seja nos veículos impressos eletrônicos ou na Web.

## Imagem e jornalismo

O processo de utilização da imagem no jornalismo data do início da sua prática. Para isso, foram utilizadas técnicas de xilografia, litografia. Desde 1605, já se registra o uso sistemático de ilustrações em jornais. Exemplo famoso é o *Nieuwe Ty Dirigen*, de Amberes, na Bélgica. Gonzalo Peltzer diz que “o primeiro mapa publicado na imprensa apareceu em 29 de março de 1740, no (jornal) *Daily Post*, de Londres”. Era um desenho que explicava o ataque de um almirante inglês a uma cidade do Caribe. Mas a maioria dos autores europeus atribui ao *The Times* londrinense a publicação do primeiro gráfico explicativo (outra definição que se dá à infografia). A publicação teria acontecido em 7 de abril de 1806. Resumia a informação visual do assassinato de Isaac Blight. O gráfico oferecia uma vista da casa de Blight à beira do Tâmsa e um plano da mansão com referências numeradas dos passos do assassino, Richard Patch, desde o lugar onde estava escondido, até o local dos disparos.

Mas o desenvolvimento das técnicas de elaboração de gravuras e ilustrações como complemento do texto escrito, só aconteceu na segunda metade do século XIX, quando a denominação “informação gráfica” começa a ter seu próprio lugar nos meios impressos. Além disso, a fotografia vai chegar aos jornais em 1885, com o desenvolvimento das tecnologias de reprodução e vai proporcionar ao veículo uma popularização significativa. Em resumo, desde 1890, existem as condições técnicas para o que denominado de segunda revolução das Artes Gráficas e que se prolongará até a

introdução, em 1960, das primeiras técnicas eletrônicas de edição dos diários. Nos anos 70, o progresso técnico se completará com outras descobertas, como o teletipo, o facsímile, a composição automática e a impressão em cor.

Nos anos 1980, os computadores chegam às redações, oferecendo outro ritmo à produção jornalística e, principalmente, à utilização da imagem nos jornais, graças as possibilidades apresentadas pela computação gráfica. A utilização da infografia ficou restrita, nos 150 anos anteriores, à informação meteorológica, cobertura de guerras representações de rotas e mapas.

Antonio Piñuela situa o ressurgimento da infografia nas investigações militares e aeronáuticas realizadas pela *Nasa*, na década de 1960. Ela era uma útil ferramenta nos programas de simulação de voo para pilotos e astronautas e para outros fins militares. Porém, o recurso só vai tomar os periódicos nos anos 1980, quando surgem as técnicas industriais de reprodução de ilustrações combinadas com textos, que permitem a obtenção de mensagens informativas visuais. Neste momento, o desenho vai ganhar influência decisiva no jornalismo e em outras atividades comunicacionais, por causa da comercialização de computadores pessoais de fácil manejo e de software específicos para a geração de ilustrações.

Na década de 1980, também, começam a se incorporar ao mercado da imprensa leitores que, durante toda a sua vida, conhecem a televisão. Este fenômeno vai mobilizar determinados diários a adaptarem sua linguagem aos novos leitores, “procedentes” do mundo audiovisual. Surgem periódicos mais visuais, com o objetivo de imitar o código informativo da televisão.

Um marco é o lançamento do jornal *USA Today*, um jornal que apostou na informação visual e se utilizava de textos curtos e dos gráficos informacionais. Com isso, a infografia, essa manifestação gráfica que representa a informação empregando a composição imagens e textos, se converteu em um elemento de material redacional; isto é, passou a fazer parte da diagramação dos jornais. A partir daí, no Brasil e no mundo, grandes acontecimentos de cunho social e muito do conteúdo científico publicado nos jornais ganham a “versão” infográfica.

O editor de arte Léo Tavejnhansky lembra que o jornal *O Globo* publicou um infográfico na primeira página da edição número 1, em 1925, mostrando o aumento do número de automóveis no Rio de Janeiro. Ele registra que o diário carioca já tinha ilustradores especializados desde a década de 70, mas foi com a chegada do computador da *Apple*, o *Macintosh*, em 1985, que a fotografia deixou de ser artesanal, não só em *O Globo*, como na maior parte dos jornais do mundo. Além de *O Globo*, foram precursores da infografia no Brasil, a *Folha de S.Paulo* e o *Jornal do Brasil*. Além de cobrir os temas de grande projeção, como as guerras, os desastres, as catástrofes, os infografistas brasileiros vêm utilizando este texto verbo/visual no jornalismo científico, com o objetivo de contribuir com a divulgação de conhecimentos sobre ciência e tecnologia do País. Esta característica tem uma marca na linha do tempo, apesar de não ter registro entre as pesquisas sobre jornalismo científico. A editoria de saúde dos jornais, por exemplo, passa a ter mais infografias depois da cobertura da doença e da morte de Tancredo Neves, presidente eleito, mas não empossado. O caso mobilizou a imprensa brasileira, em 1985. Durante semanas, as intervenções cirúrgicas as quais o presidente foi submetido eram explicadas por meio de infografias, que também descreviam verbo/visualmente o agravamento do estado de saúde de Tancredo. De lá para cá, com o aprimoramento das técnicas de edição de imagem e texto, esse processo é cada vez mais comum.

Em resumo, a expressão textual que compõe a infografia é uma expressão dos novos tempos do jornalismo, influenciada pela evolução tecnológica. Mais do que oferecer ao jornalismo maior conteúdo informacional, o texto infográfico possibilita que se trabalhe a informação em saúde utilizando uma multiplicidade de códigos em diálogo, tornando as reportagens e o material de divulgação de informações sobre o tema sistemas mais complexos e, por isso, com mais possibilidade de serem apreendidos pelo leitor, visto que este pode absorver conhecimento por meio do código que mais lhe é agradável: visual ou textual. E mais: hoje, é possível dizer que a elaboração dos quadros infográficos tem como referência a estrutura característica das telas dos computadores, design que faz parte do cotidiano de pessoas de todas as idades. As infografias são ícones, símbolos e índices conectados, que chamam atenção pela localização, pelas cores diferentes e chamativas, por formatos destoantes etc. Nada mais atual e em sintonia com as formas de representação e comunicação da sociedade da informação. A

partir destas constatações, propõem-se que, mais que um aprimoramento da capacidade informativa dos veículos impressos, a infografia pode ser uma ferramenta efetiva no processo de comunicação em saúde, um dos pilares do processo de promoção da saúde. A proposta aqui é apontar que tipo de possibilidades estes quadros informacionais podem oferecer para que se possa aprimorar as ações dos veículos impressos que visam promover melhor qualidade de vida ao cidadão.

## Comunicação e promoção da saúde

Os números mostram que o tema saúde chama a atenção das pessoas pelo mundo. Um estudo de 2008, centrado nos *media* norte-americanos, colocava as notícias sobre o tema em sexto lugar na preferência do público. Uma reportagem publicada no jornal O Globo, em janeiro de 2011, mostra os dados de uma pesquisa da Bupa Health Pulse, que ouviu mais de 12 mil pessoas na Austrália, Brasil, Grã-Bretanha, China, França, Alemanha, Índia, Itália, México, Rússia, Espanha e Estados Unidos. O levantamento descobriu que 81% das pessoas que têm acesso à internet usam a rede para obter orientações sobre saúde, remédios ou condições que necessitem cuidados médicos. O Brasil é o quinto país que mais procura orientações sobre saúde na internet, revela também a pesquisa.

Um registro de opinião pública realizado no país, em 1987, pelo Instituto Gallup de Opinião Pública, sob encomenda do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado *O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia?*, indicou a imagem positiva e as expectativas que a sociedade brasileira tinha da área de C&T, mais especificamente acerca das conquistas alcançadas em diferentes setores do conhecimento, mas especialmente da informação sobre a saúde.

A mesma pesquisa foi refeita e publicada em maio de 2007, com dados coletados nos meses novembro e dezembro de 2006. Desta vez, foi realizada pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) em parceria com a Acadêmica Brasileira de Ciências, a Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz) e contou com a colaboração do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Lajor/Unicamp) e apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa de São Paulo (Fapesp). Foram consultadas 2.004 pessoas em todo o país com idade média de 36 anos. O resultado mostra que o brasileiro gosta mais de ciência do que de política, e, mais uma vez, os temas de maior interesse são saúde e medicina (60%) e meio ambiente (58%). Em 2010, o mesmo levantamento foi feito e a única mudança foi no fato de que o brasileiro mostrou maior interesse por assuntos relacionados ao ambiente, item que aparece empatado com medicina e saúde.

Diante dessas informações, vem havendo um movimento em direção à popularização de reportagens ligadas à saúde. Esse movimento, por sua vez, é fruto do surgimento de uma área de estudo chamada de Comunicação em Saúde, um campo de investigação da comunicação humana mediada na prestação e promoção de cuidados de saúde, uma área de colaboração entre as Ciências da Comunicação e a Saúde Pública.

A área da Comunicação em Saúde, no Brasil, é conseqüência de um movimento de forças políticas (governo, instituições de pesquisa, profissionais da saúde), além de uma demanda básica da sociedade contemporânea. Um dos motivos é que as pessoas lidam com conteúdos ligados à ciência e à saúde nos aspectos mais básicos do cotidiano, no momento de ler as bulas dos remédios e de manipular softwares etc.

É importante lembrar, ainda, que a medicina e o sistema de tratamento das enfermidades não dão conta de promover uma melhor qualidade de vida ao indivíduo, mesmo com avanços fenomenais no desenvolvimento de técnicas ultrassofisticadas e medicamentos para as mais diferentes patologias, visto que o comportamento do sujeito compromete sua qualidade de vida, quando ele ingere álcool, fuma etc. Como lembra Capra, as intervenções biomédicas, embora extremamente úteis em emergências individuais, têm muito pouco efeito sobre a saúde da população como um todo. O pesquisador destaca que a saúde do ser humano está mais ligada ao comportamento, à alimentação e às condições e à natureza do ambiente em que o indivíduo está inserido, o que ajuda a explicar que o avanço da medicina não vai ser, por si só, promotor de saúde, visto que este processo depende também do sujeito.

Diante deste quadro, a Conferência de Alma Ata, realizada pela OMS, em 1979, ratificou o surgimento e a disseminação da área de Promoção da Saúde, que prega a importância de se instrumentalizar o indivíduo com informações, para que ele possa ser peça mais atuante na construção de uma vida mais saudável para ele, mas também para o outro, quando cuida do lixo e evita o crescimento da larva do mosquito da dengue. Configura-se aí e legitima-se no Brasil e em boa parte do mundo a doutrina dos cuidados primários ou Atenção Primária da Saúde (APS), que cresceu em resposta aos interesses políticos e pragmáticos de prevenção das doenças.

Essa política se fortalece no Brasil no período da década de 1980, quando os movimentos sociais renascem com muita força, na tentativa de minimizar o custo social do período militar no país. O Estado age em favor de mudanças na área social, que são ratificadas com a promulgação de uma nova Constituição. Esta nova Carta Magna contém o desenho do Sistema Único de Saúde (SUS) que, em sua essência, visa implementar um novo modelo de política de saúde pública, no qual a disseminação de informação é fundamental. Nesse cenário é necessário habilitar o cidadão da capacidade de obter, processar e compreender informação básica em saúde, necessária à tomada de decisões apropriadas e que apoiem o correto seguimento de instruções terapêuticas.

A Comunicação em Saúde se estabelece não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informações, pois reconhece-se que a informação não é suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno, com utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde e que precisa estar baseada na apresentação e avaliação de informações educativas, interessantes, atrativas e compreensíveis. Além disso, deve ser adotada cotidianamente e ter por finalidade transmitir e conduzir informações, estabelecendo uma comunicação orientada e frequente. Ainda é importante que essas práticas se constituam em estratégias de caráter educativo, que gerem referenciais para mudanças de atitudes e mentalidades nos indivíduos. “Deve ser uma comunicação diversificada, pessoalizada e de inserção cultural”.

Esse movimento fortalece as pesquisas sobre as estratégias de produzir conhecimento sobre saúde para o leigo e vai redundar no surgimento da área da comunicação em saúde. Vão surgir discussões teórico-metodológicas para fortalecer os processos de organização da informação em saúde, criando núcleos de referência, assessorias e grupos de trabalho que vêm promovendo o debate da temática em diferentes fóruns, realizando pesquisas, editando publicações, capacitando profissionais da saúde e da comunicação, especialmente jornalistas. Destas discussões emergem, então, novas expressões e design para as notícias. Entre as novidades está o uso das chamadas imagens eletrônicas nos jornais. Os veículos, imersos na era da informatização, vão utilizar cada vez mais recursos como a infografia, especialmente quando o tema é saúde, contribuindo com os processos de comunicação e promoção em saúde.

O objetivo deste artigo, desta forma, é apontar de que forma a infografia vêm contribuindo para a organização da reportagens sobre saúde e para as possibilidades de apreensão da informação pelo leitor de um veículo impresso, contribuindo, desta forma, para o fortalecimento da área da comunicação em saúde.

## Metodologia

Ao refletir sobre estas questões, utilizamos como base de argumentação, uma experiência realizada em sala de aula, com os alunos do segundo ano de Jornalismo de uma instituição de ensino de Maringá, que cursavam a disciplina de Planejamento Gráfico, foram solicitados a analisar o design de uma página da Folha de S. Paulo, onde estava incluída uma infografia (ver a seguir), se colocando no papel de organizador da informação, mas também de “receptor”, ou leitor da página. O infográfico explica como a doença da Vaca Louca age e pode atingir outros animais e até o homem.

A escolha da infografia se deu porque aproxima o problema do Mal da Vaca Louca da vida das pessoas, mostrando detalhes sobre a possibilidade da doença ser contraída por animias de estimação, questões que ampliam as informações iniciais e mais comuns sobre a patologia, que são a forma de

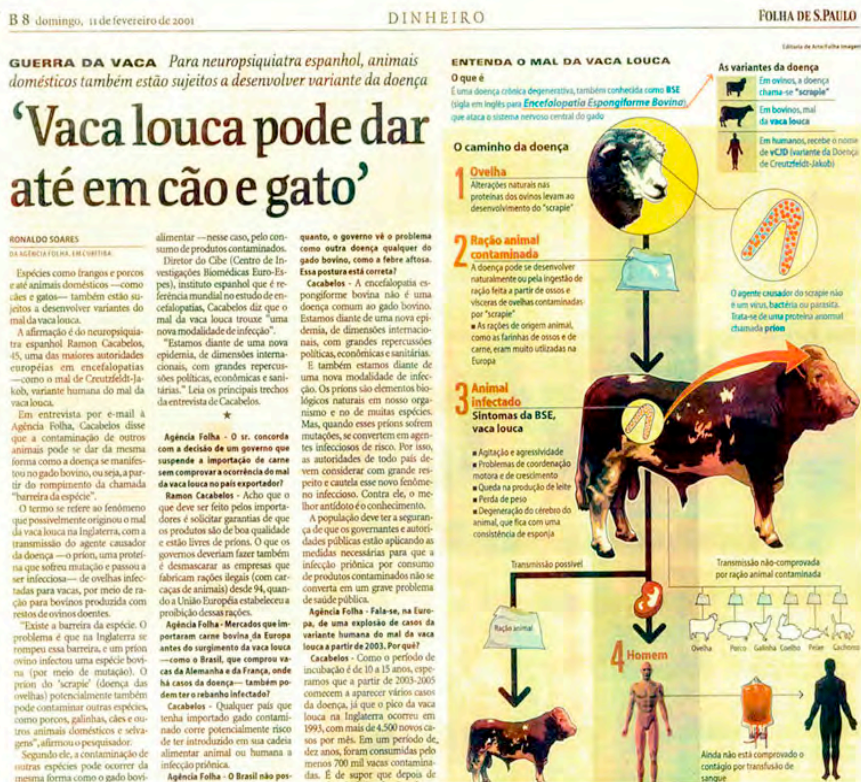
contaminação e os efeitos sobre o homem; isto é, propõe a discussão de informações novas sobre um tema já bastante debatido, o que oportunizou verificar se as novidades em torno da doença puderam ser realmente apreendidas pelos participantes da pesquisa e de que forma.

É preciso dizer que os alunos não sabiam que seus depoimentos seriam usados em uma pesquisa, porque isso poderia fazer com que fosse ampliada a ação do aluno de comunicação e fossem deixadas de lado as impressões do cidadão, do leitor. Todos, porém, autorizaram, em seguida, que as considerações fizessem parte da dissertação de mestrado da autora deste trabalho. Os depoimentos apresentados a seguir foram os de maior destaque entre os 41 alunos que realizaram a tarefa de análise da página do jornal e reúnem as impressões do grupo como estudantes de comunicação, mas também como leitores de informação sobre saúde.

## Resultados e discussão

Para os acadêmicos, a utilização de diferentes signos e símbolos da infografia facilita a compreensão do leitor sobre o assunto de uma forma “lógica e didática”. O projeto gráfico foi apontado como visualmente bem organizado por causa da opção de se utilizar o quadro infográfico ao lado do texto. Eles observaram o fato de que as setas e os números organizam o “caminho” [ processo] da doença na infografia. A arrumação do texto em tópicos dentro do quadro foi definida como eficiente e a hipertextualização da proteína transformada que provoca a doença, melhoraram o entendimento do processo de ação do agente patológico. Houve quem garantisse que só com a “leitura” dos “desenhos” entende-se o que é, como surgiu e como a doença age. E a seqüência das informações, orientada pelas figuras, desenhos e as flechas, colocam o leitor a par de “tudo” sobre a patologia, mesmo “aquele que não tinha conhecimento anterior sobre o Mal da Vaca Louca”.

Figura 1: Infografia sobre o Mal da Vaca Louca



Fonte: Folha de S. Paulo, 11 de fevereiro de 2001.

Segundo a análise dos acadêmicos, também, a infografia foi bem usada para tornar mais simples o entendimento da matéria e uma universitária destacou que as cores de fundo da imagem lembram tons da terra e “recebem” bem as representações dos animais. Para ela, as cores também realçam os detalhes que precisam de maior atenção.

A utilização do espaço foi feita no sentido de criar uma seqüência de fatos, sem deixar de lado o aspecto formal do bloco de texto verbal. E mais: para os alunos, o jornal busca enriquecer o conteúdo científico com informação visual, ou seja, fazendo uso da infografia. “Este é um aspecto positivo, pois proporciona a possibilidade de um conhecimento maior”. Há nas imagens um caminho mais objetivo de informação, que remete o leitor ao texto. “As imagens ilustram e permitem esclarecimentos que só a narração não possibilitaria”.

Uma aluna declarou que os desenhos são organizados em gráficos e unidos por linhas, o que ajuda o raciocínio do leitor. As cores colaboram para uma melhor leitura dos elementos e dão um “tom” apropriado ao assunto. Houve quem alegasse que o texto visual completa, esclarece e amplia o texto escrito. O uso de círculos que destacam a representação do animal e da proteína é outro artifício visual bem sucedido, na opinião dos estudantes.

Os alunos, cada um à sua maneira, também destacaram da informação infográfica alguns dos conceitos do discurso científico que lhes pareceram mais fáceis de serem compreendidos ao serem “lidos” de forma visual. Entre eles, estão nomes técnicos e detalhes da doença da vaca louca, que foram supervalorizados ao serem hiperexpostos. E mostraram que o discurso jornalístico também ajuda a conquistar o leitor. Um exemplo, disse um acadêmico, é o título da reportagem, que brinca com expressões da cultura: “Vaca Louca pode dar em cão e gato”!

Dois deles ainda colocam o recurso visual como garantia do entendimento amplo do assunto. Enquanto outro aluno amarra a questão já amplamente discutida neste trabalho sobre o fato da infografia oferecer conteúdo significativo ao texto verbal. A aluna garante que as “figuras explicativas” instigam o leitor a se dirigir ao texto verbal.

## Outros detalhes técnicos

Em relação à construção infográfica, um depoimento disse que as cores dos tópicos determinam os diferentes enfoques explorados pela esquematização das informações sobre o Mal da Vaca Louca. Um aluno lembrou da importância da cor na construção do infográfico. A cor preta, por exemplo, “apresenta” o assunto e introduz a primeira informação que explica o que é a doença, apontando, inclusive, o nome técnico da patologia e como e onde ela age. “O preto tem sempre a função de apresentação e, ainda, funciona como suporte informacional, sendo a cor escolhida para levar o olhar do leitor para a explicação inicial e aos tópicos que dão mais detalhes sobre o Mal da Vaca Louca. Uma seta vermelha (cor que pede atenção) leva o leitor a conhecer outras denominações da doença nas diferentes espécies (ovinos, bovinos e humanos). É importante destacar que a linha vermelha que forma a seta parte do nome “técnico” da doença para, então, oferecer as outras denominações.

Na coluna formada no meio do quadro, com a utilização de um tom de verde mais escuro, é promovido o destaque da esquematização do processo enumerado em vermelho, agora, utilizando signos imagéticos. Voltando ao centro da infografia, está, logo abaixo da representação da ovelha, o “veículo” da contaminação das outras espécies, que seria a ração animal, simbolizada por uma saca de cereais. Mais um pouco abaixo está representado o principal alvo do problema, em tamanho de destaque, uma esquematização de bovino.

Ao lado do tópico de número 3, que apresenta os sintomas da doença, está o bovino e o local onde ele é contaminado pela proteína modificada em hiperexposição, acima dele. Mais uma vez, em vermelho, é destacado o caminho “perigoso” que o príon faz até o cérebro do animal provocando os sintomas descritos verbalmente, acrescenta outro estudante.

Seguindo o processo de contaminação indicado pelo fundo verde escuro e pela linha/seta em preto, aparece a simbolização da carne, na forma que ela é ingerida pelo homem para representar como o ser humano é “afetado” pelo Mal da Vaca Louca.

Do lado direito da esquematização, é apresentada numa linha pontilhada, observou uma universitária, “a teoria de que a ração animal feita com ossos de bovinos contaminados pode transmitir a doença para outras espécies. Como não é fato, é uma hipótese, isto é, a questão não está comprovada cientificamente, o recurso que ‘liga’ a informação à esquematização do bovino, é uma linha tênue, pontilhada, que dá a impressão de ser uma informação ‘questionável’. Este mesmo recurso é utilizado para dizer que existe a possibilidade do contágio do homem, pelo próprio homem, por meio de transfusão de sangue”.

Não se pode deixar de reforçar um aspecto observado por alguns dos acadêmicos: o fato de que as cores escolhidas para ambientar a construção infográfica estão ligadas às questões agrárias: o verde, o marrom, o vermelho magenta etc.

Assim, como aponta Montoro, quando descreve como deve ser a dinâmica da comunicação em saúde, a informação na infografia é transmitida e conduzida de forma a estabelecer uma comunicação orientada, por meio de cores, hiperexposições e quadros; com caráter educativo, já que apresenta inúmeros detalhes de forma a acrescentar conteúdo ao sujeito; “que gera referenciais para mudanças de atitudes e mentalidades nos indivíduos”, chegando até o leitor por diferentes possibilidades de texto, verbal ou visual; [...] “uma comunicação diversificada, pessoalizada e de inserção cultural”, que se apropria de imagens, cores e símbolos para transportar o leitor para o ambiente da reportagem; e que seja “adotada cotidianamente e frequentemente com o público”, utilizando os veículos de comunicação impressos, no caso desta pesquisa, canais de disseminação de informação de grande importância e abrangência cultural.

Em outras palavras, os textos contemporâneos vêm sendo elaborados por meio da manipulação das unidades da estrutura das construções imagéticas, com a ajuda da tecnologia, que organiza o conteúdo em diferentes signos. As infografias reúnem e organiza, dentro de um quadro ou limite, diferentes categorias de signos: icônicos, que são as imagens no sentido teórico (de representação puramente visual) do termo; plásticos, que são as cores, formas, texturas, etc; e signos linguísticos, a linguagem verbal.

Manipulando, então, estes signos é possível criar linguagens e a infografia é uma delas. Assim, pode-se dizer que a infografia não é uma ferramenta do jornalismo e da comunicação em saúde, quando ela se associa às regras de produção da informação jornalística para traduzir os conceitos e informações científicas que podem contribuir com a qualidade de vida do sujeito em seu cotidiano.

Inserir as imagens digitais em circuitos mais amplos de sentido – para além das características técnicas necessárias à sua obtenção – é entender seu uso como instrumento de novas maneiras de pensar o mundo e o sujeito”, diz Rogério Luz (1993, p. 53). Ele ainda afirma que “as novas imagens são um sintoma, entre muitos, de um determinado estado de cultura em que a prevalência da imagem, resultado da sua importância cognitiva, em especial na arte e na ciência, revela uma tradição problemática marcante em nossa civilização desde o Renascimento. Não é o mundo real, mas a maneira de inventar o mundo possível que aqui interessa, e não apenas uma perspectiva estética, mas também ética e política.

## Considerações finais

Vê-se, desta forma, que infografia instrumentaliza o leitor, levando-o a se familiarizar com múltiplos signos, no sentido de fazê-lo receber informações num processo organizado de apreensão de informações das mais variadas dentro de um sistema conciso e minuciosamente construído para que todos os símbolos, ícones, índices “falem”, informem.

Se a comunicação em saúde tem como foco oferecer informações com vistas a contribuir com a ampliação do conhecimento do cidadão sobre as questões que podem comprometer sua saúde, pode-se dizer, a partir da análise dos alunos, que a infografia utilizada pelos veículos de comunicação impressos é uma ferramenta eficiente neste processo.

Os quadros infográficos contêm recursos que aumentam o volume de informações sobre determinado problema, neste caso, o Mal da Vaca Louca, por meio de uma linguagem acessível, visto que orientam o leitor pelo espaço da mensagem, por meio das cores e símbolos, como flechas, setas, linhas, etc.



Os quadros aproximam a linguagem jornalística da prática da Comunicação em Saúde, visto compõem uma ação de comunicação diversificada, isto é, oferece várias possibilidades, verbais e imagéticas para apreensão do conteúdo; fato que também pessoalizada a reportagem, já que cada leitor vai “ler” da maneira que lhe for mais atraente; promove ainda a inserção cultural, porque transporta o leitor para o ambiente da reportagem.

Enfim, torna-se importante destacar que, por meio da utilização de novas linguagens, o jornalismo e a comunicação em saúde vêm ganhando conteúdo informacional. A organização do texto infográfico tem exatamente este objetivo, o de oferecer uma multiplicidade de códigos em diálogo, tornando as reportagens sistemas mais complexos, porém, com maior conteúdo.

É fundamental, então, o estudo aprofundado da infografia no jornalismo científico e nos processos de comunicação em saúde, para que os próprios profissionais conheçam os recursos que ela possui para oferecer. É procurar o que se chama de alfabetização visual, dentro das redações e das editorias de arte dos jornais e nas assessorias de comunicação das universidades e institutos de pesquisa. Quer dizer, alfabetização em que todos os códigos (verbais, visuais, sonoros, cinéticos) assumem a expressão gráfica.

## REFERENCIAS

- Aguado, J. A. Martín e Vizuete, J. I. Armentia. (1995). *Tecnología de la Información Escrita*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Aguilera, M. de e Vivar, H. (1990). *La Infografía: las nuevas imágenes de la comunicación audiovisual em España*. Madrid: Fundesco.
- Bettetini, G. (1993). Semiótica, Computação Gráfica e Textualidade. Em A. Parente (org.), *Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual* (p.65). São Paulo: Editora 34.
- Caixeta, R. (2005). A Arte de Informar. *Associação Brasileira de Imprensa*. Disponível em: <http://www.abi.org.br>. Acesso em: 3 de abril de 2006.
- Capra, F. (1982). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Carvalho, T. e Oswaldo-Cruz, E. (2011). O que o brasileiro pensa sobre ciência e tecnologia? *Academia Brasileira de Ciências*. Disponível em: [http://www.abc.org.br/article.php3?id\\_article=1304](http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=1304) [acesso em 2011 out. 6]
- Clapers, J. (1998). Los Gráficos: desde fuera de la redacción. *Revista Latina de Comunicación Social*, 9. Disponível em <http://wwwull.es/publicaciones/latina/36infojordi.htm>. Acesso em 13 abr 2006.
- Leturia, E. (1998). Que es infografía? *Revista Latina de Comunicação Social*, 4. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/Z8/r4el.htm#cuatro>.
- Luz, R. (1993). Novas imagens: efeitos e modelos. Em A. Parente (org.), *Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual* (pp. 53-54). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Machado, I. (2005). Infojornalismo e a Semiose da Enunciação. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt). Acesso em: 23 ago. 2005.
- Montoro, T. (2008). Retratos da comunicação em saúde: desafios e Perspectivas. *Interface. Comunicação, Saúde e Educação*, 12(25), pp. 442-451.
- Plaza, J. (1993). As Imagens de Terceira Geração Técnico-Poéticas. Em A. Parente (org.), *Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual* (p. 107). São Paulo, Editora 34.
- Pablos, J. M. de (1999). *Infoperiodismo: el periodista como creador de infografía*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Ribas, B. (2004). *Infografía Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo*. Trabalho apresentado ao V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet. Salvador, Bahia. Disponível em < <http://www.facom.ufba.br/jol/producao.htm>>. Acesso em 23 de Jun 2005.
- Scalzo, M. (2003). *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto.
- Sanches, V. (2001). *La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos*. Universitat Autònoma de Barcelona, Servei Publicació.
- Teixeira, R.A. (2009). Confiança na mídia pode ser um importante fator de promoção à saúde. *ICB-Neuro – Consciência*. Disponível em: <http://www.icbneuro.com.br/consciencia/jornalismoSaude.php?p=js&id=7> [acesso em 2011 out. 6].
- Velho, A. P. M. (2001). *A infografia como suporte do Jornalismo Científico: uma análise semiótica*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Vivar, H. (1990). La Imagem em Movimento: desenho de animação e a animação por computador. Em M. Aguilera e H. Vivar, *La Infografía: las nuevas imágenes de la comunicación audiovisual em España*. Madrid: Fundesco.

## SOBRE OS AUTORES

**Ana Paula Machado Velho:** Pós-doutora em Arte e tecnologia pela Universidade de Brasília (UnB). Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como bolsista da CAPES. É jornalista da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), onde é responsável pela edição do Jornal da UEM, que tem como foco a divulgação da ciência. É professora da disciplina de webjornalismo na UniCesumar, onde também foi coordenadora de jornalismo da Rádio Universitária, RUCFM. Professora dos programas de pós-graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) e em Tecnologias Limpas (PPGTL) da UniCesumar- Paraná-Brazil, em nível de mestrado. Pesquisa as redes sociais digitais, softwares sociais e suas aplicações na Promoção da Saúde e no estudo e preservação do ambiente, com a ajuda de professores e técnicos que participam do Grupo de Pesquisa, vinculado ao CNPq, Comunicação em Ambiente Digital (Comamdi), do qual é líder.

**Sônia Cristina Soares Dias Vermelho:** Possui graduação em Processamento de Dados pela Universidade Positivo (1993), graduação em Design de Interiores pela Faculdade do Norte Novo de Apucarana (2010), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Atualmente é pós-doutoranda da Universidade de Brasília e professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no NUTES/Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação e comunicação, formação de professores, mídia-educação, promoção da saúde e redes sociais.

**Vinicius Durval Dorne:** Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Doutorando Sanduíche no Programa Ciências da Comunicação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Mestre em Letras, área de Estudos Linguística, linha de pesquisa Estudos do Texto e do Discurso; pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário de Maringá - CESUMAR. Coordenador dos cursos de graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, bem como dos cursos técnicos do PRONATEC - Processos Fotográficos, Rádio e Televisão, Produção de áudio e vídeo - do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar). Membro do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), do Grupo de Estudos Foucaultianos da Universidade Estadual de Maringá (GEF) e do Grupo de Comunicação no Ambiente Digital (COMAMDI), do Cesumar. Tem experiência no campo teórico e metodológico de pesquisas em Comunicação Social, norteadas pelo referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa, em especial às contribuições da arqueogenealogia de Michel Foucault. Está envolvido, na docência e em pesquisas, com questões concernentes à História do Jornalismo, Linguagem Radiofônica, Radiojornalismo, Teorias do Jornalismo, Novas tendências em Jornalismo, Webjornalismo e a análise de materiais sincréticos/multimodais (texto, imagem, áudio, vídeo). Amparado na relação discurso, sentido e mídia, trabalha na investigação de temas que envolvem os discursos institucionais e midiáticos.